

CADERNO
DOIS

VITÓRIA (ES), QUARTA-FEIRA,
9 DE MARÇO DE 1977

4311.500

As igrejas do Espírito Santo parecem estar destinadas ao esquecimento e à destruição. Com raras exceções, entre elas o Convento da Penha, todas as igrejas antigas do Espírito Santo, que representam momentos da História capixaba, estão abandonadas e sendo destruídas pela ação do tempo ou dos homens que, atualmente, só vêem o progresso como motivo de preocupações.

A igreja dos Reis Magos, em Nova Almeida, apesar de tentativas feitas pelo Instituto Histórico e Artístico Nacional para sua conservação continua abandonada. A igreja de Santa Luzia, um dos marcos da história de Vitória, não é mais igreja e sim galeria de arte. Em Vila Velha, a igreja do Rosário, construída há mais de 400 anos, pode desabar devido ao péssimo estado de conservação.

O CONVENTO

Um dos pontos de atração turística e religiosa mais conhecido do Espírito Santo, o Convento da Penha, em Vila Velha é a igreja que se apresenta mais bem cuidada no Estado. Localizado a 154 metros de altura, foi fundado por Frei Pedro Palácios, um irmão leigo franciscano nascido na Espanha.

O início da construção de uma capela para colocar um quadro da devoção do irmão leigo franciscano, foi em 1558, com a ajuda dos moradores da região. Dez anos depois, Frei Palácios encomendou de Portugal uma imagem de Nossa Senhora, que ainda hoje encontra-se na capela do convento, para substituir o quadro a óleo que ele trouxera consigo.

Depois da morte de Frei Pedro Palácios, em 2 de maio de 1570, a ermida que ele construíra ficou a cargo de alguns de seus amigos, até que em 1591, as autoridades de Vitória e Vila Velha doaram a capela aos Franciscanos que deram início à construção de um santuário. De 1639 a 1643 a capela foi toda reformada. Em 1651 foi lançada a pedra fundamental para a construção do convento, por Frei Sebastião do Espírito Santo. Por volta de 1750 a construção estava acabada e daí em diante foram feitos sempre reparos e

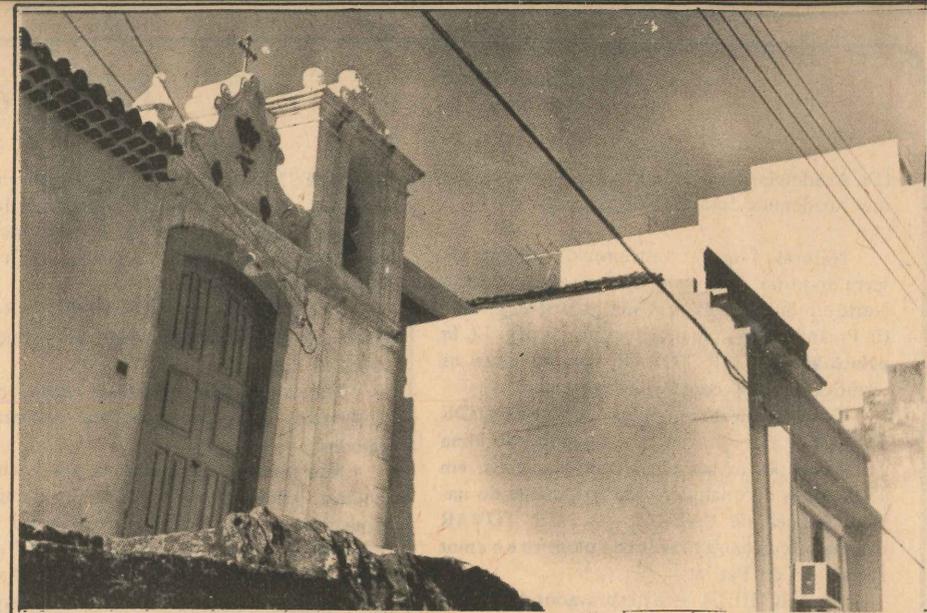


Igreja Santa Luzia, ao abandono total, em foto de 1956

histórico tombado pelo Iphan, entretanto sua situação parece ser a mesma de outras inúmeras obras existentes no interior e na capital, com o mato crescendo em volta e muita sujeira.

Segundo informações colhidas junto à encarregada da limpeza, tempos atrás, a atitude do Iphan com relação à igreja era de total omissão, pois ela só merece um pouco de atenção "na época da festa de São Benedito". Fora disso, o local à noite é abrigo de desocupados e marginais.

Preservadas mesmo só existem duas palmeiras em frente à igreja, que, segundo a história, foram plantadas na época da construção da obra, há mais de 200 anos. Como acontece com outras obras, esta também não possui nenhum dado histórico que possa esclarecer à população sua importância e valor.



Igreja Santa Luzia: transformada em Galeria de Arte, em 1976

IGREJAS

Um patrimônio abandonado

Texto de Clodomir Bertoldi,
do Departamento de Pesquisa

Igreja Santa Luzia: início de um povoamento

Léa Carvalho Ferreira

Um movimento surge na Ilha, num afã de salvar obras de arte, quando entra em pauta o paisagismo e a lamentação pela deturpação que chega com o PROGRESSO e arrasa para criar novo, ao estilo da época.

Estivemos parados, estagnados, em valorização, numa acomodação de quem nada tem, nada perde, nada pretende. Acordamos depois da hora, com a saudade e o reconhecimento após a retirada. E pretendemos que o tempo retorne, que a areia descida da ampuheta volte ao seu lugar, que o calendário se reconstrua, para mascarar a nossa inércia em não sabermos

caminho "para a Igreja SANTA LUZIA, que delimitou o traçado da antiga Rua do Egito, agora Francisco Araújo. Menciona-se que neste Sítio, não faltavam Cidras, Laranjas, Limas e Cajus".

Já em 1751, fala-se do "necessário desbravamento da terra para a construção de casas e sobrados que substituíram as primitivas habitações ligeiras iniciais e o alargamento de picadas e passagens para transformá-las em ruas e ladeiras". Nesta época, a "principal rua de Vitória era a de Santa Luzia, depois rua Grande e agora José Marcelino. Estendia-se do Largo de Santa Luzia até a ladeira da Pedra (ou

entra-se na capela do convento, para substituir o quadro a óleo que ele trouxera consigo.

Depois da morte de Frei Pedro Palácios, em 2 de maio de 1570, a ermida que ele construíra ficou a cargo de alguns de seus amigos, até que em 1591, as autoridades de Vitória e Vila Velha doaram a capela aos Franciscanos que deram início à construção de um santuário. De 1639 a 1643 a capela foi toda reformada. Em 1651 foi lançada a pedra fundamental para a construção do convento, por Frei Sebastião do Espírito Santo. Por volta de 1750 a construção estava acabada e daí em diante foram feitos sempre reparos e melhorias para sua preservação.

Em 1860, durante a visita que fez ao Espírito Santo, o imperador D. Pedro II, a imperatriz e toda a comitiva imperial visitaram o convento. Em 1879, o assoalho de toda a igreja foi reformado em estilo mosaico, como está até hoje, pelos portugueses José Fernandes Ferreira (escultor) e Vítor Meireles (pintor).

O convento está aberto à visitação pública diariamente, até às 18 horas, tendo além da capela, uma sala de milagres, onde podem ser vistos testemunhos da cura pela fé e seu acesso pode ser feito também por carro através de uma estrada nova que sobe pela encosta sul do morro.

ANCHIETA

Outra igreja, que é um monumento histórico, e que merece a atenção das autoridades, embora não seja tão conhecida e divulgada como o Convento da Penha, é a igreja de Anchieta, com suas estruturas e naves que datam do século XVI. Suas imensas paredes foram construídas pelo padre José de Anchieta com a ajuda dos indígenas, com pedras e blocos dos recifes, sob argamassa de cal de mariscos e óleo de baleia.

A pia batismal, maravilhoso trabalho de arte indígena, serviu ao padre Anchieta, que nela batizou milhares de índios. As demais pias encontradas, toscas ou de mármore europeu, refletem a participação indígena e a preocupação pela manutenção das tradições seculares dos jesuítas.

Os altares, de riqueza artística e religiosa inimitáveis, refletem o ambiente onde viveu e morreu o "Apóstolo do Brasil". O altar-mor tem a imagem barroca de Nossa Senhora da Assunção, a padroeira, que mereceu de Anchieta o famoso poema cênico de 1579. As imagens de São Francisco e Santo Inácio, que estão ao lado do altar-mor, são outras obras de arte. Santo Inácio, que foi canonizado em 1662, foi o responsável pela vinda de Anchieta ao Brasil, em 1553.

Na sacristia da igreja de Anchieta se notam os vestígios da arte barroca. Simplicidade nos velhos janelões quase ao nível do chão e que nas amuradas ofereciam aos jesuítas a vista do mar e das matas. Todas as paredes da sacristia são rústicas e datam do século XVI.

A cela onde Anchieta viveu, que hoje faz parte do Museu de Anchieta, ao lado da igreja tem ainda hoje duas relíquias impressionantes: a primeira é a tumba do religioso e a outra é a cadeira que pertenceu ao apóstolo.

Se a igreja de Anchieta merece todo o cuidado de conservação, não foi assim que aconteceu com antiga igreja de São Tiago, demolida para dar lugar à sede do governo estadual. A única coisa que restou da igreja é o túmulo de Anchieta, que pode ser encontrado depois de se percorrer corredores e labirintos dentro do palácio que também leva seu nome.



Igreja São Gonçalo, em Vitória

O túmulo foi construído no local no ano de 1597 e de original da antiga capela só restam o piso e as paredes. Em 1922, foi demolido por iniciativa do presidente do Estado, Nestor Gomes, o que restava da capela. E Luis Drenzi, historiador do Palácio afirma: "Foi um dos monumentos mais sacrificados em holocausto à descolonização da cidade. Sacrilégio injustificável". E os sacrilégios continuam.

ROSARIO I

A igreja do Rosário, de Vila Velha, construída há 418 anos, corre sérios riscos de desabar. Seu estado interior é lastimável, com o teto totalmente danificado, o telhado quebrado o que provoca a inundação de seu interior quando ocorrem chuvas fortes.

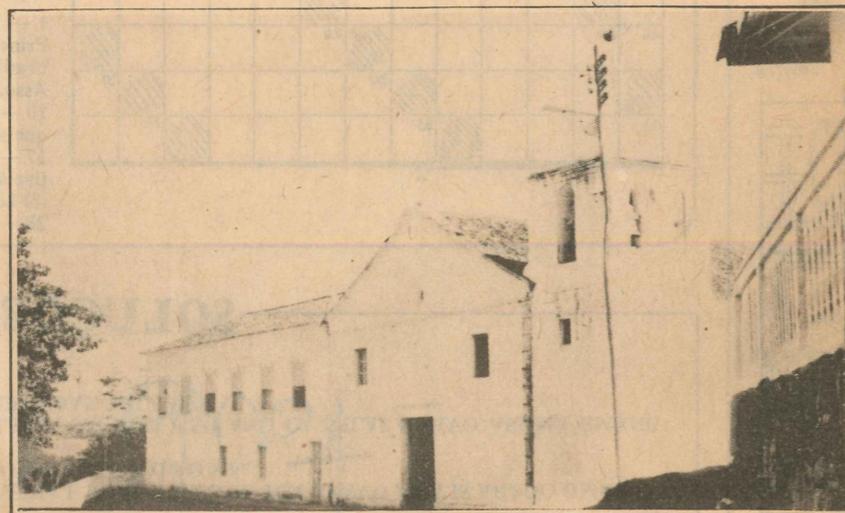
Cristiano Ferreira Fraga, que em setembro do ano passado estava demissionário do cargo de representante no Estado do Iphan, afirmava que somente neste ano poderiam ser feitas obras de restauração da igreja que está tombada pelo órgão, assim como outras que também não recebem atenção.

No final do ano passado, a administradora da igreja, Ester Zamborlini, iniciara uma campanha, através de um livro de ouro, com a finalidade de arrecadar fundos para a restauração da igreja, já que o Iphan não possuía recursos para isso.

A igreja figura na proposta de ordenamento da aglomeração urbana da Grande Vitória, do Grupo de Planejamento Urbano e Regional, que dedica um capítulo do trabalho à preservação dos monumentos históricos. Em Vila Velha, ela ocupa o segundo lugar em prioridade, vindo logo depois do Convento da Penha.

ROSARIO II

A igreja de São Benedito do Rosário, localizada na cidade alta é outro monumento



Igreja de Anchieta, em Anchieta.

encarregada da limpeza, tempos atrás, a atitude do Iphan com relação à igreja era de total omissão, pois ela só merece um pouco de atenção "na época da festa de São Benedito". Fora disso, o local à noite é abrigo de desocupados e marginais.

Preservadas mesmo só existem duas palmeiras em frente à igreja, que, segundo a história, foram plantadas na época da construção da obra, há mais de 200 anos. Como acontece com outras obras, esta também não possui nenhum dado histórico que possa esclarecer à população sua importância e valor.

REIS MAGOS

Em abril do ano passado, informava-se que a igreja dos Reis Magos de Nova Almeida, seria transformada em Museu de Arqueologia e Tradições Populares Regionais, idéia que já tinha sido aprovada pelo Iphan e que levou o arqueólogo e professor da Universidade Federal do Espírito Santo, Celso Perota, a dizer que tinha sido encontrada a solução para "deslançar as pesquisas no Estado". As pesquisas não deslançaram e a igreja permanece quase abandonada.

Uma das poucas coisas que ainda restavam na igreja dos Reis Magos, um quadro a óleo dos reis magos, que segundo o número 10 da revista Agora, era o mais antigo do Brasil, desapareceu. Comenta-se que representantes do Iphan o levaram para São Paulo, a fim de ser restaurado há mais de quatro anos, e até agora não retornou.

A igreja dos Reis Magos levou o nome da antiga aldeia que hoje é Nova Almeida e que já foi sede do município da Serra. Juntamente com Reritiba, hoje Anchieta, a aldeia dos Reis Magos foi fundada no século XVI e teve seu apogeu no século seguinte.

Reis Magos contava em 1689 com um contingente de 764 índios que 50 anos depois tinham aumentado para mais de dois mil. A aldeia foi base para a colonização do norte capixaba: São Mateus, Santa Cruz, Conceição da Barra e os outros municípios.

Devido ao pouco desenvolvimento do norte, essa região ainda conserva um ambiente quase colonial, com casas, ruas e monumentos muitos deles intactos. O progresso ainda não chegou lá para destruir as marcas do passado, mas também a ação das autoridades não foi feita para conservar o que existe de antigo, já que tombar vilas inteiras é uma medida nada proveitosa para os cofres públicos. A igreja dos Reis Magos foi



Igreja N. S. do Rosário, na praça de Vila Velha

tombada, mas isso pouco ou nada representou para sua conservação.

SANTA LUZIA

Abriando a Galeria de Arte e Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo, a igreja de Santa Luzia, na rua José Marcelino, é uma das raras exceções em termos de conservação, talvez por iniciativa da própria Ufes.

O local, porém, deixou de ser uma igreja, perdeu todas as características de uma capela e hoje é uma galeria de arte dentro de um prédio secular. O que resta da antiga igreja, e já começam a aparecer sinais de desfiguração, é o altar todo feito em madeira. O prédio foi pintado de branco por dentro e por fora com janelas azuis, criando um ambiente colonial.

Os objetivos que antigamente faziam parte da ornamentação da igreja estão no Solar Monjardim, e somente o sino ainda se encontra na igreja.

O altar já passou por diversas reformas e algumas delas, devido a aparência da madeira, parecem ser recentes, ajudando a sua desfiguração. A pintura original que está sendo paulatinamente destruída pela ação do tempo, em alguns lugares já desapareceu por completo.

A igreja de Santa Luzia, segundo Basílio Daemon, foi o início da construção de Vitória. Nela os primeiros colonos e senhoras da ilha iam fazer suas orações.

Já em 1556, havia uma alusão a um seminário (hoje Palácio do Governo) e também à abertura de um caminho para a igreja de Santa Luzia, levando a crer que juntamente com as primeiras casas de Vitória, também fora erguida a igreja.

Antes de ser emprestada à Universidade Federal do Espírito Santo a igreja foi transformada em Museu de Arte Religiosa, recebendo visitas públicas, mas depois os santos foram retirados e ela voltou a ficar fechada por algum tempo, até que a Ufes resolveu cuidar de sua conservação, usando-a como galeria de arte.

Mesmo carecendo de uma melhor conservação, entre as igrejas tombadas pelo Iphan no Espírito Santo estão também a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, de Açaetiba; Igreja Nossa Senhora da Conceição, em Guarapari; Igreja Nossa Senhora das Neves, em Muribeca, município de Presidente Kennedy; fachada do Convento de São Francisco, em Vitória; Igreja de São Gonçalo, em Vitória; Igreja Nossa Senhora da Conceição, em Viana, além do Solar de Monjardim, em Jucutuquara e as casas do número 197 a 203 na rua José Marcelino, em Vitória.

de salvar obras de arte, quando entra em pauta o paisagismo e a lamentação pela deturpação que chega com o PROGRESSO e arrasa para criar novo, ao estilo da época.

Estivemos parados, estagnados, em valorização, numa acomodação de quem nada tem, nada perde, nada pretende. Acordamos depois da hora, com a saudade e o reconhecimento após a retrada. E pretendemos que o tempo retorne, que a areia descida da ampuheta volte ao seu lugar, que o calendário se reconstrua, para mascarar a nossa inércia em não sabermos conservar nossa história, nossos pontos de partida.

Cada época tem seu molde, sua cultura, que se firmam na imaginação de cada um, na personalidade dos que marcam uma trajetória. Cada renovador se dispõe às mudanças, com vistas nas necessidades da atualidade e na experiência que ficou para trás, havendo assim um traslado de teorias, filosofias, com roupagem e vocabulário novo.

Mas a Ilha sempre estremeceu a cada demolição do passado, mirando-se no reflexo das águas, que a apertavam com mais domínio. Havia vários tumultos quando algo era programado, depois o tempo, este filósofo maneiro, tudo sossegava e tudo passava a ser comum e normal. Provinciana, sempre se amedrontou com a plástica, os adereços a enfrentar, os costumes a abandonar. A todos os andarilhos acolheu e ganhou nesta adoção, um pouco de sensibilidade e traço de cada um.

1977 chegou com um novo estilo de vida que pretende se firmar por algum tempo, movimentando os estudiosos na pesquisa do comportamento social. E foi a mudança quem mexeu com nossa sensibilidade, exigindo que o álbum das recordações fosse folheado. Foi quando demos conta das falhas na conservação da tradição, na divulgação do que possuímos de belo, tanto na Natureza, como na elaboração de nossos antepassados.

Estamos na antiga Igreja SANTA LUZIA, que nos fala de perto, não só pela localização central mas pelo que presenciamos em seus vários estágios. E para acompanhá-la na íntegra, voltamos à 1537, quando "Vasco Fernandes Coutinho doou à Duarte Lemos a Ilha de Santo Antônio, mediante um Alvará porque faltavam na povoação oficiais que lavrassem a escritura". Na parte alta da Ilha, longe dos pantanais (Parque Moscoso) e num ponto estratégico para melhor orientar e comandar, fixou a sua moradia, numa fazenda "que se estendia do local de sua residência, junto à Igreja de SANTA LUZIA até o referido mangal, posteriormente denominado Campinho e agora Parque Moscoso. Segundo Basílio Daemon, os colonos e senhores frequentavam a Capela de SANTA LUZIA.

Em 1550, encontramos a retirada de Duarte Lemos do Espírito Santo contrariado em não poder concluir suas pretensões.

Em 1551, segundo Teixeira de Melo, foi fundada por Vasco Fernandes Coutinho, a povoação de Vitória.

Em 1556, há uma alusão ao Sítio do Egitto, onde residiam os Padres numa casa que servia de Seminário (atual Palácio do Governo) e também a abertura do

que delimitou o traçado da antiga Rua do Egitto, agora Francisco Araújo. Menciona-se que neste Sítio, não faltavam Cidras, Laranjas, Limas e Cajus".

Já em 1751, fala-se do "necessário desbravamento da terra para a construção de casas e sobrados que substituíram as primitivas habitações ligeiras iniciais e o alargamento de picadas e passagens para transformá-las em ruas e ladeiras". Nesta época, a "principal rua de Vitória era a de Santa Luzia, depois rua Grande e agora José Marcelino. Estendia-se do Largo de Santa Luzia até a Ladeira da Pedra (ou Rua da Pedra) hoje Ladeira São Diogo. Nesta rua encontrava-se a Igreja SANTA LUZIA, que ainda existe, restaurada pelo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Foi o ponto inicial do povoamento da Ilha".

Durante muito tempo, a Igrejinha permaneceu fechada, servindo somente de moradia, à morcegos e roedores. Certo dia, após pequenos reparos, foi transformada em Museu de Arte Religiosa, quando tivemos oportunidade de visitá-la e admirá-la por dentro. O altar mór, com resquícios de um artesanato da época e várias imagens talhadas em madeira, traziam até nós as cores e o estilo barroco. Novamente a Igreja se fechou, os santos foram retirados, o altar mór mais se deteriorou e após nova restauração, transformou-se em salão de exposição para os artistas da Ilha.

Neste meio tempo, ao lado, uma residência baixa se despedia de sua função de abrigar vidas, virando escombros. Entretanto, não houve nenhuma cogitação do Instituto Histórico em adquiri-la para preservar o Sítio da antiguidade, o INICIO DO POVOAMENTO. O terreno então foi vendido, para que se construisse nova residência e a única exigência do citado Instituto Histórico, foi que o prédio ali erigido, não prejudicasse o gabarito da Igreja. O novo dono serviu-se de uma Certidão à Prefeitura Municipal de Vitória, com uma petição protocolada sob nº 793 de 10 de maio de 1960, pelo engenheiro Cephias Rodrigueus Siquera — Diretor do Departamento de Serviços Municipais da PMV, e neste documento foi determinada a altura, que "medida entre o Meio Fio do Logradouro, ate a parte máxima, da platibanda da casa, deveria ser de 6,55 (seis metros e cinquenta e cinco centímetros) determinado pelo Instituto Histórico. Isto foi oficializado e documentado à 6 de julho de 1960. Ergueu-se então a residência moderna, recoberta de pastilhas coloridas — uso da época. Afim de acertar o alinhamento da rua, foi vendido à este mesmo proprietário, pela Prefeitura Municipal, a metragem necessária para que a residência se alinhasse às demais já existentes na rua José Marcelino. Foram 15 anos que se passaram desde o término da obra em citação, sem que nenhuma atenção fosse dada ao grande Monumento Histórico.

E a IGREJA SANTA LUZIA lá está, numa atitude heróica, após tanto abandono, tanto esquecimento pelos habitantes da Terra, a lembrar uma época, à desafiar, o tempo, como marco do início de um povoamento.

Bibliografia: História do Espírito Santo, de Maria Stella de Novaes

Fotos fornecidas por: José dos Passos Carvalho